

SAÚDE MENTAL COMO ELEMENTO DE PERMANÊNCIA: UMA ANÁLISE QUALITATIVA DO RELATO DE UNIVERSITÁRIOS DE BAIXA RENDA

Universidade Presbiteriana Mackenzie

Coordenadoria de Fomento à Pesquisa - Pró-reitoria de Pesquisa e
Pós-Graduação

Beatriz Castilho Barbosa¹
Apoio: *PIVIC Mackenzie*

Cristiane Silvestre de Paula²

Centro de Ciências Biológicas e da Saúde¹

Programa de Pós-graduação em Ciências do Desenvolvimento Humano²

beatrizcastilho.barbosa@mackenzista.com.br
cristiane.paula@mackenzie.br

RESUMO

Os problemas de saúde mental têm se tornado mais frequentes entre universitários, sendo ainda mais expressivo entre aqueles de baixa renda. A desigualdade socioeconômica produz impactos que criam um ciclo de desvantagens e torna a transição universitária especialmente desafiadora para este público. Este estudo explorou fatores que podem afetar a permanência de jovens de baixa renda no ensino superior. Entrevistou-se 25 bolsistas de baixa renda, de instituições públicas e particulares de duas regiões brasileiras. Uma das formas de compreender esse fenômeno é por meio do paradigma *'What Matters Most'* que busca identificar o que 'realmente importa' para o público-alvo. Os resultados evidenciam que as desigualdades acadêmicas são frequentemente internalizadas como responsabilidades individuais, o que contribui para o agravamento dos problemas de saúde mental. Além disso, as relações interpessoais emergem como elementos centrais na construção de uma experiência universitária positiva. Por fim, a precariedade dos recursos institucionais e a insegurança financeira intensificam a vulnerabilidade desses estudantes. Conclui-se que a permanência de jovens de baixa renda no ensino superior depende da integração entre apoio institucional, segurança econômica e relações interpessoais, fundamentais para reduzir desigualdades e proteger a saúde mental.

Palavras-chave: saúde mental, universitários, baixa renda, vulnerabilidade social.

ABSTRACT

Mental health problems have become more frequent among undergraduates, and are even more pronounced for those from low-income backgrounds. Social inequality impacts this population in a way that creates a cycle of disadvantages and makes the transition to university especially challenging. This study explored factors that may affect the retention of low-income undergraduates. 25 low-income students from public and private universities across two Brazilian regions were interviewed. The *'What Matters Most'* paradigm was used to identify what 'really matters' by the target audience. Results show that academic inequalities are frequently internalized as an individual responsibility, contributing to worsening mental health problems. Furthermore, interpersonal relationships emerge as central elements in building a positive experience. The precariousness of institutional resources and financial insecurity intensify the vulnerability of the students. In conclusion, low-income youth's retention in higher education depends on the integration between institutional support, financial capacity and interpersonal relationships, essential for reducing inequalities and protecting mental health.

Keywords: mental health, undergraduates, low income, social vulnerability.

1. INTRODUÇÃO

Os problemas de saúde mental entre universitários têm chamado a atenção de pesquisadores. De acordo com Leow *et al.* (2024), a prevalência destes problemas entre graduandos é maior do que na população em geral. Estima-se que 25% dos estudantes sofram de depressão durante a trajetória acadêmica, enquanto 14% experienciam consequências relacionadas ao suicídio (SHELDON *et al.*, 2021). Quando fazemos um recorte de classe social este quadro tende a piorar. O *status* socioeconômico influencia diretamente a saúde mental, sendo que pessoas de baixa renda apresentam maiores índices de ansiedade e depressão em relação às de renda mais alta (LUND *et. al*, 2018). Observam-se efeitos negativos de viver com restrições econômicas sobre a saúde, o desenvolvimento e as oportunidades de vida, formando um ciclo de desvantagens (EVANS-LACKO *et al.*, 2023). Deste modo, a transição para a vida universitária pode ser especialmente desafiadora para estudantes de baixa renda, que tendem a sofrer maior pressão para contribuir com a melhoria da situação socioeconômica familiar (EVANS-LACKO; THORNICROFT, 2019).

A educação, mais especificamente a conclusão de um curso universitário, é uma das formas mais reconhecidas de mobilidade social (EVANS-LACKO *et al.*, 2023). Adicionalmente, a popularização do ensino superior desempenha um papel fundamental no desenvolvimento social e econômico de um país, demonstrando efeitos positivos para o alívio da pobreza (LI *et al.*, 2024). Um dos desafios enfrentados para que os jovens obtenham o diploma é a evasão escolar, que afeta aproximadamente 20% dos universitários no cenário internacional. Entre os aspectos que aumentam o risco de evasão destacam-se problemas de saúde mental e vulnerabilidade socioeconômica (LEOW *et al.*, 2024).

Considerando o comprometimento gerado por problemas de saúde mental e vulnerabilidade social na permanência de universitários de baixa renda, o fornecimento destes dados seria relevante para a elaboração de programas e políticas que promovam melhores chances de vida para este público. Este estudo tem como objetivo explorar fatores que podem afetar a permanência de jovens de baixa renda no ensino superior. Mais especificamente, buscou-se compreender o papel da saúde mental na permanência destes universitários.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

A literatura sugere que existe um “ciclo vicioso” em que a pobreza aumenta o risco de transtornos mentais, enquanto os transtornos mentais elevam o risco de pobreza futura. Neste sentido, além de auxílios financeiros, é necessário investir em programas que ofereçam

cuidados em saúde mental de qualidade para comunidades de baixa renda, integrando intervenções em ambas as áreas com o propósito de reduzir disparidades históricas (RIDLEY *et al.*, 2020). Entre jovens universitários de baixa renda, intervenções para a promoção da saúde mental podem ajudá-los a enfrentar os desafios do novo ambiente estudantil, permitindo o uso de toda a sua potencialidade durante as atividades acadêmicas, e evitando que problemas de saúde mental prejudiquem seu desempenho. Esse apoio emocional deve contribuir para que concluam a universidade com sucesso, o que pode impactar positivamente suas chances futuras de emprego e consequentemente de melhor renda (EVANS-LACKO; THORNICROFT, 2019).

Uma das formas de explorar fatores que podem auxiliar na permanência de jovens de baixa renda no ensino superior pode ser por meio do paradigma ‘*What Matters Most*’ (WMM), ou seja, que considere o que ‘realmente importa’ ou ‘o que é mais valorizado’ pelo público-alvo. O paradigma de Kleinman (2006) se dá na articulação entre três diferentes aspectos: significados culturais/locais, experiências sociais e subjetividade (emoções e autopercepção). A teoria foi adaptada para o campo do estigma em relação à saúde mental por Yang *et al.* (2007), e busca identificar ‘o que mais importa’ em dado contexto. As noções trazidas por Kleinman (2006) contribuirão para incorporar uma perspectiva capaz de compreender as experiências de universitários de baixa renda dados seus contextos sociais, culturais e econômicos. Este estudo fará uso da abordagem do WMM, ajustando-a especificamente para o contexto desta população, a fim de investigar o papel da saúde mental na permanência destes universitários.

3. METODOLOGIA

O presente trabalho faz parte de um projeto mais amplo, que combina métodos quantitativos e qualitativos, intitulado ‘Aprimorando o bem-estar e reduzindo o estresse entre estudantes universitários brasileiros de baixa renda: um ensaio clínico randomizado híbrido sobre facilitadores de barreiras de engajamento’ coordenado pela Prof^a Dr^a Sara Evans-Lacko da London School of Economics and Political Science (LSE), e tendo como pesquisadora a orientadora desta Iniciação Científica, Prof^a Dr^a Cristiane Silvestre de Paula. Este trabalho expõe dados qualitativos parciais, obtidos a partir de entrevistas individuais semiestruturadas.

Os participantes foram recrutados através das redes sociais (*Instagram*, *Whatsapp* e e-mails institucionais), com amostragem por conveniência. Os critérios de elegibilidade incluíam: estar cursando o ensino superior, ser beneficiário de programas de auxílio estudantil ou do Bolsa Família, e ter entre 18 e 29 anos de idade. As entrevistas foram conduzidas pela autora em parceria com outra pesquisadora, e realizadas de maneira remota através do *Microsoft Teams*, entre junho de 2024 e janeiro de 2025. Com duração entre 40 e 90 minutos, as entrevistas foram

gravadas em áudio e posteriormente transcritas. Foi obtida a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Presbiteriana Mackenzie (CAAE 75582623.0.0000.0084). O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido foi assinado pelos entrevistados antes da coleta de dados.

A autora desta Iniciação Científica, sua orientadora e pesquisadores da equipe se reuniram regularmente ao longo de seis meses em um processo iterativo de análise dos dados. Após leitura repetida das transcrições de 6 entrevistas para familiarização com os dados, membros do grupo especialistas em estudos qualitativos elaboraram as categorias de codificação iniciais, orientados pela teoria do WMM. Em seguida, em colaboração com o grupo de pesquisa, a análise da totalidade das entrevistas guiou o refinamento do sistema de codificação através de fusão de temas semelhantes, remoção de temas irrelevantes e exploração das inter-relações. Por fim, as transcrições já codificadas foram inseridas no *Taguette*, software utilizado para organizar a análise de dados qualitativos, categorizando-os a partir das temáticas.

4. RESULTADO E DISCUSSÃO

Participaram deste estudo 25 estudantes de 18 a 29 anos, sendo 76% do gênero feminino e 44% autodeclarados pretos ou pardos. As universidades cursadas eram das regiões Sul e Sudeste, distribuídas entre Rio Grande do Sul, São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro.

Tema 1: Manutenção da bolsa de estudos - “Você não paga a faculdade com dinheiro, mas você paga com a alma”

Mencionado por cerca de metade dos entrevistados, a manutenção da bolsa de estudos destaca-se como um elemento imprescindível, que possibilita o *status* de universitário. Entre os sentidos atribuídos à experiência universitária, algumas passagens descrevem como a formação universitária permite “crescer na vida”, “encaminhamento profissional” e um “retorno financeiro”. Em outros momentos, a experiência universitária é retratada a partir de ganhos mais subjetivos, como “a realização de um sonho”, “estudar uma coisa que eu gosto”, “estou me tornando a pessoa que eu sempre quis ser”, ou ainda “ver meus pais orgulhosos de mim”. Estes dados coincidem com achados de uma pesquisa nacional que buscou compreender, através de entrevistas semiestruturadas, os significados que 25 egressos do sistema de ensino superior de baixa renda atribuem ao diploma. A autora encontrou nas narrativas dois sentidos principais, não excludentes entre si, que categorizou do seguinte modo: estudar para conquistar um melhor padrão de vida e estudar para “ser alguém na vida” (LIMA, 2016).

Essa ideia vigente no imaginário social brasileiro acerca da obtenção do diploma como mecanismo de ascensão econômica se confirma na literatura. Em análise da expansão

educacional e tendências de mobilidade social no Brasil, o principal fator de explicação apontado para o aumento da fluidez de classe identificado no país entre os anos 1920 e 2014 é o nível de escolaridade. Este elemento tem um impacto significativo na mobilidade social do indivíduo. Destaca-se também outros mecanismos que agem como mediadores nesta relação, tal como a vantagem que pessoas pertencentes a classes sociais mais elevadas possuem para permanecer e progredir no sistema educacional (COSTA RIBEIRO, 2023).

Foram constantes as menções dos desafios enfrentados pelos entrevistados para entrar e se manter no ensino superior. Assim, a capacidade de permanecer na universidade diante de todos os obstáculos é sentida pelos entrevistados como uma grande conquista.

Porque hoje em dia é muito difícil as pessoas entrarem numa faculdade, ou porque elas precisam trabalhar ou porque elas não têm interesse. Aí a pessoa que vai pra uma faculdade e passa 5, 6, 7 anos fazendo essa faculdade, pra mim ela é bem, ela é bem guerreira, e pensa no futuro né? (...) Aí a faculdade, fazer faculdade é um mérito, pra mim é um mérito muito grande. (ID 75)

Pô, de verdade, guerreiros. Pra você tá, tipo assim, em condições... sei lá, muitas das vezes você não tem o material, né? Você não tem um notebook, um computador pra você estudar, é muito ruim. As pessoas conseguem se desdobrar. Você tem que ser guerreiro, entendeu? Você tem que ser guerreiro, muito guerreiro. (ID 37)

Manter a bolsa de estudos parece significar, portanto, uma forma de assegurar melhores oportunidades e condições de vida. Nota-se nas entrevistas, com alguma frequência, o emprego de termos como ‘mérito’ e ‘guerreiro’ para designar a responsabilidade individual na superação destes obstáculos. Neste sentido, é possível inferir que ser um universitário bolsista sugere a atribuição de um outro elemento identitário, construído a partir de seus significados culturais locais: o de uma pessoa batalhadora e merecedora de suas conquistas. Levando em conta esta hipótese, a perda da bolsa de estudos poderia ser sentida por alguns estudantes não apenas como uma ameaça à condição de universitário, mas também aos valores e significados que o acompanham, colocando em risco um traço de identidade e afetando sua autoestima.

Você pensa naquela questão de tipo assim, ah, eu estudo de graça, então eu tenho que fazer isso valer. E aí vem uma cobrança, uma autocobrança mesmo, absurda, que aí você fica tipo, meu Deus, eu não posso perder isso, porque se eu perder, eu não vou conseguir de novo, (...) eu não posso me decepcionar, eu não posso decepcionar as pessoas ao meu redor, e eu não sei como a minha vida seria sem isso. (ID 14)

(...) a minha matrícula foi cancelada (...) por causa que eu não tinha tido a aprovação em dois semestres consecutivos. Uma política lá da faculdade. Aí eu falei que não e agora que eu faço tal, eu fiquei extremamente deprimida naquela época. (ID 110)

As citações acima demonstram como o acesso à universidade pode ser visto como um meio de salvação. Uma pesquisa nacional que entrevistou 12 estudantes de baixa renda prounistas, encontrou dados semelhantes. Na interpretação da autora, os relatos indicaram que, sem a oportunidade de inclusão e ascensão socioeconômica viabilizada pelo ensino superior, eles estariam condenados à exclusão social (ARANHA NETO, 2015). No presente trabalho, a

maioria dos participantes pareceu concordar com a ideia de que o diploma seria capaz de ampliar as perspectivas de futuro, criando possibilidades distintas das que já estariam traçadas.

Por receberem diferentes tipos de auxílio, os entrevistados desta pesquisa tiveram acesso a políticas de permanência variadas. Os benefícios tendem a estar associados ao transporte, alimentação e/ou moradia. Ressalta-se a importância destas medidas, apontadas como um recurso essencial para a permanência na educação superior. Um exemplo são os estudantes que frequentam o restaurante universitário no período de férias escolares a fim de ter acesso a alimentação gratuita ou a preços baixos, revelando experiências de insegurança alimentar vivenciadas por alguns participantes.

(...) até meus amigos ficam meio que brincando assim comigo que parece que eu vivo na universidade, porque tipo quando não tem aula, eu tô aqui, se eu não tô aqui estudando, eu tô vendo filme, (...) às vezes eu estou estudando, isso tudo só pra tipo, conseguir dar tempo, de tomar café, e aí eu faço alguma coisa, almoço, faço alguma coisa e tipo daí eu janto, e aí depois eu volto pra casa. Porque senão, em questão do dinheiro, não rende até o final do mês. (ID 104)

(...) por incrível que pareça, [as coisas mais importantes são] as gratuidades que a gente tem, com muitas coisas assim da faculdade. Como eu sou Prouni o fato de eu não precisar pagar a passagem é ótimo para mim, me facilita demais a vida. (ID 26)

Contudo, a maioria dos entrevistados aponta a burocracia como a principal barreira encontrada para a manutenção das bolsas e auxílios. Um dos participantes relata: “no início do ano, para mim, é sempre o pior dos momentos, porque é época do quê? De revalidar o passe escolar. E aí é uma humilhação naquela secretaria”. E complementa ainda que “os funcionários estão despreparados, (...) não sabem lidar com os alunos bolsistas” (ID 14). O sentimento de humilhação provocado pelos funcionários explicita como a própria burocracia por vezes se apresenta como uma forma de discriminação e revela uma face da vulnerabilidade estrutural a que os estudantes de baixa renda estão submetidos (YANG *et al.*, 2014).

De longe, assim, eu acho que [a coisa mais difícil] é quando a gente... Tem uma dificuldade de acessar as políticas de permanência. (...) a gente, das universidades públicas, a gente tem direito a políticas públicas de afirmação, e é uma burocracia, sabe? (ID 48)

Ser universitário, você não paga a faculdade com dinheiro, mas você paga com a alma, tá? Porque quando tem que resolver as coisas, é muito complicado, né? Assim, é tudo muito mais burocrático pra quem tá ali de graça. (ID 14)

Uma pesquisa que buscou conhecer as dificuldades de permanência de 12 estudantes beneficiários do Prouni de uma universidade catarinense através de entrevistas individuais e grupos focais, também apontou a burocracia institucional como um dos principais desafios enfrentados. Outro obstáculo encontrado foram as vivências de preconceitos e discriminação. Os autores complementam que, ainda haja uma separação por categorias com fins didáticos, as problemáticas de interrelacionam no cotidiano da universidade, chamando a atenção para sua indissociabilidade (ARIÑO; DELVAN, 2018). Este ponto nos ajuda a pensar como os próprios

agentes da instituição que fazem cumprir os procedimentos burocráticos podem estar envolvidos nas dinâmicas de preconceito e discriminação.

Tema 2: Desempenho acadêmico - “Eu pensei que talvez esse curso não fosse pra mim”

Entre as menções feitas à aprovação nas disciplinas, muitas estavam associadas a uma preocupação de manutenção da bolsa de estudos e, em alguns casos, de auxílios econômicos adicionais ou gratuidades, bem como estágios remunerados vinculados à matrícula na universidade. No entanto, observa-se que a identidade a ser protegida não se dá exclusivamente pela presença deste *status*, mas parece estar relacionada a um bom rendimento como um valor, sem o qual a autoestima do estudante e sua percepção de pertencimento ao curso (ou instituição) encontram-se ameaçadas. Aranha Neto (2015) observou dados semelhantes, classificando a busca por um desempenho superior como um modo de alcançar uma identidade distinta, combatendo os estereótipos negativos associados à condição de bolsista.

Eu fico oscilando entre, meu Deus, está um caos, vai dar tudo errado, eu vou perder a bolsa. E aí, de repente, tipo, ok, esse é o meu melhor, eu tento dar o meu melhor todos os dias, mas hoje esse vai ser o meu melhor e tudo bem. Só que, ao mesmo tempo, não é tudo bem, né? Porque não é, não é, a gente sabe que não é. (ID 14)

Eu tive que correr muito atrás de coisas por fora da universidade, pra tipo, garantir sei lá, nem era um dez, era garantir um tipo um seis. E isso acabou afetando um pouquinho o meu psicológico por um tempo, eu comecei a fazer terapia inclusive (...) porque por um momento, por causa da minha queda das minhas notas, eu pensei que talvez esse curso não fosse pra mim. (ID 104)

Há evidências que, para acessar o ensino superior, estudantes de baixa renda dependem de um alto desempenho acadêmico, enquanto os mais ricos possuem outras alternativas de entrada através do pagamento de mensalidades em instituições particulares menos competitivas. (CARVALHAES; SENKEVICS; COSTA RIBEIRO, 2022). Estes dados oferecem uma visão complementar para pensar a importância do desempenho acadêmico para os entrevistados.

Adicionalmente, os relatos evidenciam como as desigualdades de acesso a um ensino básico de qualidade produzem obstáculos adicionais. Além de questionar seu pertencimento à determinado curso ou instituição, os entrevistados revelaram sentimentos de despreparo diante de conteúdos complexos, e dificuldade de acompanhar o ritmo da turma, explicitando as consequências para a saúde mental.

(...) eu vejo muito que às vezes a galera que veio da escola pública não... algumas matérias que exigem um nível mais avançado, fica pouco mais complicado de acompanhar. E eu percebi com alguns colegas que isso tem impacto também na saúde mental, então acaba sendo mais estressante correr atrás de mais matéria, estudar além do que a gente está vendo agora, correr atrás da base, que muitas vezes não teve no ensino médio... (ID 111)

Então, no meu primeiro semestre, eu logo senti um baque, sabe? De tipo, as matérias eram muito complicadas e eu nunca me senti tão despreparada, sabe? (...) E aí eu

lembro que eu peguei reprovação em muitas matérias no primeiro semestre. E, e eu ficava muito, fiquei muito mal naquele semestre, eu chorava bastante (ID 110)

Nossos dados corroboram com os de estudos anteriores que mostram como as dificuldades no rendimento devido a uma educação básica deficitária impacta com mais intensidade os egressos de escolas públicas. E pontuam ainda que estas assimetrias podem ser um dos motivos que levam universitários de baixa renda a se aproximar de pessoas com realidades semelhantes, na busca por fontes de identificação e pertencimento. Essas dinâmicas geram fronteiras entre os grupos, que passam a se organizar a partir de certos demarcadores (ABREU; XIMENES, 2021). Na diferenciação entre beneficiários de auxílios econômicos e não-beneficiários, uma das características frequentemente atribuídas ao próprio grupo pelos entrevistados é a de serem mais esforçados e dedicados aos estudos.

Todos os bolsistas são muito mais esforçados do que os outros estudantes. A maioria dos bolsistas não faltam às aulas, a maioria dos bolsistas são mais dedicados às atividades, a maioria dos bolsistas trabalham já, já estão super inseridos ali para se esforçar, para já conseguir algo no mercado. Então, eu percebo que (...) as pessoas que não estão em vulnerabilidade social (...), elas são bem menos esforçadas em questão de tudo em volta da matéria. (ID 20)

Constata-se que a dedicação por um bom desempenho acadêmico parece estar conectada a um excesso de autocobrança, se distanciando simbolicamente de colegas não-bolsistas, que não precisam se esforçar para garantir melhores condições de vida (LIMA, 2016). Os relatos evidenciaram uma intensa sobrecarga e autorresponsabilização, referindo sentimentos de culpa e de vergonha. É possível que esse público vivencie a responsabilidade individual por seu desempenho acadêmico de forma mais intensa que a de estudantes pagantes.

E aí acaba que, tipo, às vezes tu fica achando que o culpado é tu sempre né, tipo bah, eu fiquei doente no meio desse semestre agora e eu não consegui estudar. Tanto que aí foi que eu fui mal em uma das provas. E aí eu fiquei tipo tá, mas eu fiquei doente agora né, tipo eu não tinha como estudar, como é que eu ia estudar doente né? Não tinha nem vontade de levantar da cama. E aí tipo, às vezes tu pensa que o problema tá sempre em ti né. (...) E aí tipo, vai acumulando essas coisas da faculdade, e aí a gente chega num momento que a gente não tem pra quem correr, sabe? (ID 06)

Em muitas das declarações, nota-se como a saúde mental afeta o desempenho acadêmico e um baixo desempenho, por sua vez, afeta a saúde mental, o que pode criar um ciclo vicioso de difícil saída. Em alguns casos mais extremos, que correspondem à menor parte dos entrevistados, foram relatadas situações de intenso sofrimento psíquico, nos quais os estudantes deixaram de frequentar as aulas, se sentiram incapacitados de apresentar trabalhos e realizar provas. Ansiedades com relação à performance, mesmo quando em níveis menos intensos, estavam relacionadas à insegurança sobre o domínio do conteúdo, incapacidade de absorver os conhecimentos necessários, preocupações com a manutenção da bolsa de estudos e sensação de esgotamento diante da necessidade de conciliar os estudos e outras responsabilidades.

(...) as últimas vezes que eu tive isso foi há umas semanas... questão de algumas provas que aconteceram. Onde eu respondi a prova normalmente, eu saí da sala, só que eu saí um pouco mais... um pouco mais emotivo... eu saí de lá, eu saí um pouco fragilizado mentalmente por conta do nervosismo na hora, daí acabou dando uma tristeza por dentro sabe? Comecei a chorar um momento ou outro... foi isso, essa questão. E isso vem ocorrendo sempre quando eu sinto uma incapacidade do conteúdo, quando eu tenho mais dificuldade em absorver aquilo, eu começo a ficar assim. (ID 76)

(...) às vezes tem que estudar até de madrugada... perder madrugada, aí... e às vezes você estudou, mas chega lá e não consegue resolver, porque bateu alguma ansiedade ou algo assim. Ou não consegue apresentar um trabalho também... já aconteceu comigo, de ficar muito muito muito nervosa e não conseguir apresentar. (ID 75)

Por outro lado, destacou-se a dimensão simbólica do bom desempenho e reconhecimento acadêmico. Houve menção a este aspecto como prova do merecimento de estar em determinada instituição e como materialização de um esforço. Estas percepções parecem salientar o caráter de uma necessidade de legitimação da presença de estudantes bolsistas dentro de espaços percebidos socialmente como pertencentes a uma elite intelectual e cultural.

(...) eu cheguei com muita dificuldade, não entendia praticamente nada do que estava acontecendo nas aulas, tive muito problema em trabalhos em grupos de pessoas que achavam que eu trabalhava mal, que eu fazia isso, que eu fazia aquilo. Então nossa, quando eu ganho algum mérito acadêmico para mim, tipo assim, é assim... eu não sei como posso explicar, mas acho que é materialização do meu esforço. Normalmente é só uma coisa simbólica sabe? (...) é tipo, um pô parabéns, a pessoa que tirou a maior nota da sala foi a fulana. Sabe, tipo isso pra mim, vale muito. (ID 109)

Tema 3: Recursos institucionais - “A universidade precisa ser esse ponto de referência”

Os participantes revelaram expectativas de que a instituição disponibilize ferramentas que tornem a vivência universitária mais prazerosa, por meio de recursos como discussões acadêmicas, acesso a professores, oportunidades de crescimento intelectual, entre outros.

Dentro da minha experiência universitária, eu acredito que o mais importante para mim é estar a cada dia se desenvolvendo e ter pessoas que têm um ambiente ali que força o seu desenvolvimento, ter desafios no dia a dia e tal. (...) Então, o que eu tinha antes de objetivos de vida era mais algo que eu considero supérfluo e tal. E não tinha realmente algo que eu considerasse uma visão de futuro. (ID 52)

(...) eu acho que [participar do grupo de estudos] é uma das passagens mais importantes, porque (...) os professores relatam mesmo né, tem alunos que só passam na faculdade, só que por tu estar dentro do núcleo, tu vai perceber o que que tu gosta de fazer e o que que tu não gosta. (...) Tipo, lá eu aprendi coisas, assim, olha, que se eu não tivesse lá, eu jamais iria aprender. (ID 06)

A partir das entrevistas apresentadas, podemos inferir que a universidade tem o poder de ocupar um importante papel no desenvolvimento pessoal e profissional dos estudantes, estimulando-os na construção de uma perspectiva de futuro, o que parece particularmente relevante tratando-se de jovens de baixa renda, que vivenciam uma escassez nas oportunidades de vida disponíveis em relação à saúde, educação, relacionamentos e empregabilidade (EVANS-LACKO *et al.*, 2023). É possível interpretar que existe, na perspectiva de alguns entrevistados, uma diferenciação entre os estudantes “que apenas passam pela faculdade”, possivelmente se referindo aos que se restringem ao cumprimento do currículo básico e horas

extracurriculares obrigatórias, e aqueles que se engajam na experiência, fazendo uso dos recursos e oportunidades oferecidos pela instituição, de modo a vivenciar sua jornada no ensino superior como algo transformador. Inversamente, outros entrevistados que demonstraram uma percepção geral negativa da experiência acadêmica, descreveram a validade da formação a partir de seu caráter instrumental, declarando que seu objetivo ao permanecer na universidade restringia-se à obtenção do diploma, em razão da esperança de ascensão profissional.

(...) se for uma questão acadêmica ali, do tipo nossa, eu sinto que eu aprendi. Não, tudo que eu sei sobre publicidade e marketing foi no dia a dia no ambiente corporativo. Eu não sinto que tipo, a faculdade tenha influenciado nisso e, tipo, eu queria que fosse diferente, mas não é. Eu acho que eu já esperava um pouco isso porque (...) eu trabalhei em marketing antes e o pessoal fala, você não aprende nada na faculdade, faculdade é o diploma que você precisa ter. (ID 26)

(...) uma quebra de expectativa que eu tive com relação ao meio acadêmico também é que às vezes você sente (...) que você estudar bastante para aquela prova ali e se focar em aprender, parece que não vale a pena porque depois você acaba não utilizando para nada, né? E é por isso também que é um fator que eu acho que faz com que eu não estude tanto para as provas, me prepare tanto, né? (ID 52)

(...) eu gosto muito, muito de aprender, sou muito curiosa. Então estar na faculdade me faz sentir que eu tô aprendendo algo, que vou levar isso pra frente, pras outras pessoas, e eu vou tá me tornando uma pessoa melhor, vou tá ali me desenvolvendo, e não é só pra mim, é pra melhorar minha comunidade, né. (ID 105)

Percebe-se o interesse dos entrevistados pelas experiências práticas facilitadas pela instituição, como via de desenvolvimento profissional e autoconhecimento a partir da interseção entre teoria e prática. Os relatos acima demonstram o impacto que esta vivência, ou a falta dela, pode gerar na motivação acadêmica. Outro elemento que sugere influência neste aspecto é a possibilidade de retorno do conhecimento adquirido à comunidade. Na opinião dos estudantes, a pertinência deste trabalho se dá por “formar pessoas melhores”, “melhorar minha comunidade” e promover “maior humanização”. Os trechos abaixo mostram como os universitários observam os efeitos do acesso ao conhecimento acadêmico sobre si mesmos e se compreendem transformados a partir disso, tornando-se, por sua vez, capazes de um efeito multiplicador sobre os outros. Concomitantemente, nota-se a emergência de uma identidade profissional: a professora, o psicólogo, o enfermeiro.

Eu acho que quando eu tô no meu trabalho, e de alguma maneira eu sinto que tipo, ter os meus alunos fazendo as atividades e vendo que eles estão progredindo em algumas perspectivas assim, isso é gratificante sabe? (...) Ver a aluna que eu entrei na faculdade e ver a professora que eu tô me tornando agora sabe? (ID 06)

Acredito que no começo da faculdade, a minha ideia principal seria eu conseguir me formar só. Agora com essa mudança assim, eu quero não só me formar, mas sim ser um bom profissional. Eu quero realmente poder fazer algo pelo meu paciente. (ID 76)

Além dos recursos mais voltados ao âmbito acadêmico trazidos até aqui, a escuta dos entrevistados indicou a importância de ferramentas que dizem respeito ao acolhimento e orientação dos estudantes bolsistas por parte de profissionais da instituição, sendo os

professores as figuras mais citadas. O encontro com essa figura de suporte dentro da universidade, revelou um efeito significativo no apaziguamento das experiências de solidão, vivenciada muitas vezes de modo intenso no início da jornada acadêmica, principalmente quando os jovens de baixa renda se perceberam muito diferentes de seus colegas.

(...) pensei que seria bem individual, que não teria aquele acolhimento, (...) pensei que seria bem, tipo, eu por eu, e não tinha ninguém pra me orientar em nada. Mas, pelo contrário, sempre tinha alguém, sempre tem alguém que a gente possa correr e perguntar qualquer coisa. (ID 72)

É um processo solitário, tipo fazer você ir se entender, entender exatamente seu lugar ali, quem você é. É estranho né, às vezes você não se sente pertencente. Pelo menos para mim foi muito difícil. Até me entender e me sentir pertencente da minha universidade, eu acho que eu passei um ano deslocada sem entender o meu lugar ali, e falar pô será que eu realmente estou no lugar certo? (...) Mas eu acho que eu consegui muito isso também porque eu tive ótimos e excelentes professores que estiveram comigo o tempo todo. E eu acho que isso alivia também um pouco do fardo. (ID 109)

De acordo com Means e Pyne (2017), estudantes universitários de primeira geração e baixa renda que receberam alguma forma de orientação diante das dificuldades acadêmicas apresentaram aumento da autoconfiança no manejo desses desafios, demonstrando-se fundamental para o senso de pertencimento durante o primeiro ano do curso. Do mesmo modo que o apoio dos professores se apresenta como um grande auxílio, sua ausência é sentida:

Se tivesse um professor amigo ou se eu tivesse... não sei, mais ajuda, lá no começo. (...) Eu acho que poderia ter melhorado muito sabe, porque eu tava tentando tudo sozinha e aí começou a dar muito errado, sabe? (ID 110)

(...) às vezes as coisas apertam e aí tu não tem muito... e a universidade seria um lugar que tu poderia buscar, assim, né? (...) eu acho que a universidade, ela precisa ser esse ponto de referência para alunos que não contam com outros... enfim, outro jeito de fazer isso. (ID 48)

Um dos entrevistados narra como alguma forma de suporte no início da experiência universitária poderia ter evitado o acúmulo e a persistência dos problemas enfrentados, sugerindo que isso impediria a deterioração de sua saúde mental. Vale o questionamento se esses recursos são ofertados e divulgados adequadamente, desde o momento de ingresso dos discentes. Não se pode reduzir a inclusão de estudantes bolsistas no ensino superior à concessão do acesso, sem que se pense nos mecanismos de pertencimento (ARANHA NETO, 2015). Nos casos em que a universidade conseguiu ocupar um lugar de referência mais abrangente na vida dos universitários, como narrado abaixo por alguns entrevistados, o estabelecimento desta relação pareceu suscitar maior senso de pertencimento à instituição.

(...) [a coisa mais importante é] você se sentir pertencente à universidade né? O [nome da instituição], ele tem muitos projetos né. (...) Projetos da instituição em si, que todos os alunos participam né, então você se sente... você sabe que não é só aluno. Você é importante pra faculdade, você coloca a mão na massa (...), são experiências que vão além dos conteúdos em sala de aula. Eu acho que a faculdade precisa ter isso. (ID 117)

Estes dados corroboram com o estudo de Means e Pyne (2017), no qual concluem que a presença de estruturas de suporte institucional fez com que jovens de baixa renda se sentissem

importantes para a instituição, um componente crítico no senso de pertencimento dos estudantes. A dinâmica de solidão *versus* pertencimento, muito abordada neste tópico na relação do estudante com a universidade, também demonstrou grande influência das relações sociais estabelecidas. Em razão de sua relevância na experiência dos estudantes entrevistados, a categoria ‘relações interpessoais’ foi elencada como uma das temáticas de análise e será apresentada a seguir.

Tema 4: Relações interpessoais e suporte familiar - “Acho que é uma forma de evitar essa dissociação, se juntando”

Os relacionamentos com familiares, professores e, especialmente com os colegas, são aqueles que parecem exercer maior influência sobre a trajetória dos entrevistados. Uma vez que o relacionamento com os professores já foi abordado na temática que trata dos recursos institucionais, aqui será dado enfoque ao papel dos familiares e amigos. Apesar de haver um consenso, de modo geral, no que diz respeito à importância destes vínculos para o bem-estar, foi possível constatar que essas relações foram vivenciadas de formas variadas:

(...) [o fator mais importante] pra me manter na universidade [são] principalmente as amizades, porque a gente pode estar assim, nossa, acabada sabe tipo, não ter condições pra nada, mas se a gente tem amizades, são eles que vão levantar a gente, que vão dar o apoio que a gente precisa, sabe? (ID 86)

Nossa, eu sinto que algo que tem me incentivado muito são as pessoas ao meu redor né. Com essas questões mentais e até com os estudos mesmo, as pessoas ao meu redor me incentivam a não desistir do mundo, porque é uma sensação muito comum, querer desistir, querer trancar, querer voltar pra casa, né. (...) as pessoas me ajudaram a perceber que eu era capaz. (ID 105)

Acho que eles [os pais] que me fizeram não trancar a faculdade. Que eu já pensei várias vezes. Eu acho que, porque principalmente que a família te traz um conforto, sabe? Pelo menos para mim assim, sabe? Eu sinto muita segurança no meu pai, na minha mãe, são pessoas que eu confio muito. (...) eu pelo menos vejo nele assim, neles, grandes pilares de apoio. (ID 109)

(...) fiquei muito mal naquele semestre, eu chorava bastante e tal, mas aí eu, eu parei... eu até reclamava bastante, sabe? Mas aí (...) minha família falou, ‘ai, se você não consegue, volta pra casa’, sabe? Aí eu parei de reclamar com eles. Então foi um sofrimento que eu... até hoje é mais só comigo, eu não compartilho muito. (ID 110)

Entre os participantes que identificaram indivíduos de seu convívio próximo como fontes de suporte, tais vínculos afetivos configuram-se como elementos promotores de resiliência e como potenciais fatores de proteção frente ao abandono e à evasão escolar. Outros entrevistados demonstraram intensa dificuldade para socializar com os colegas, revelando trajetórias bastante solitárias. Estes achados podem ser melhor compreendidos a partir dos resultados de uma revisão sistemática que incluiu 51 estudos empíricos, e investigou o impacto do suporte social na saúde mental e no bem-estar de universitários. O suporte social diz respeito ao apoio prático, emocional e psicológico que uma pessoa recebe. Os autores demonstraram que este apoio

produz efeitos diretos, como a melhoria do bem-estar psicológico e emocional, além de reduzir o estresse. Além disso, há efeitos indiretos, nos quais o suporte social atua como um mediador, aumentando a resiliência, a autoestima e a satisfação com a vida (RUIHUA *et al.*, 2025).

Uma vivência recorrente na narrativa dos participantes é a percepção de que os universitários de baixa renda tendem a se unir, e criar relações de amizade entre si. Isto se intensifica quando as fronteiras de classe, materiais e simbólicas, se fazem mais presentes através dos comportamentos dos colegas. A aproximação entre os estudantes de baixa renda é atribuída a fatores diversos: para não se sentir sozinho, por identificação, ao sentimento de ser compreendido, a possibilidade de permanecer na universidade, entre outros.

(...) onde eu estudo, eu não percebo essa grande segregação, assim, das pessoas mesmo na sala separarem. Ah, aqueles são os bolsistas e aqueles são os pagantes. Mas, naturalmente, a gente se aproxima de quem a gente se identifica. Então, acaba que meu ciclo inteiro, assim, inevitavelmente se tornou de bolsistas. (ID 14)

(...) outra questão também que me prejudicou bem no começo, era a questão de acolhimento. Eu não me senti identificado dentro da universidade. A maioria tipo, o público no geral da [universidade] é um público de uma classe média, pra uma classe alta (...). Então tipo, encontrar outras pessoas que, sei lá pra trocar figurinhas, essas coisas assim, é muito difícil. (ID 104)

Eu vejo que acontece muito um desequilíbrio social, porque quando eu saio do meu bairro e vou até a minha faculdade, eu percebo um certo... uma certa mudança de pessoas, de características, de formas, então, eu acho que seria exatamente essa diferença, sabe? (...) Eu acho que é exatamente essa dissociação que eu sinto. Apesar de uma coisa que eu percebo, que as pessoas bolsistas, elas sempre estão mais juntas. Então, acho que é uma forma de evitar essa dissociação, se juntando. (ID 20)

Com a escolha do termo “dissociação”, o entrevistado parece comunicar um sentimento de desconexão entre seu lugar de origem e este novo lugar que ocupa, a universidade. Neste sentido, estar com seus iguais pode transmitir a ideia de uma defesa contra a sensação de inadequação. Também é possível pensar nessa união como a demarcação de um espaço que foi negado às minorias por tanto tempo. O relato parece evidenciar este espaço “entre”: entre o lugar de origem e o lugar almejado. A ideia de um “trânsito entre dois mundos” nos ajuda a pensar este fenômeno, vivenciado muitas vezes em um movimento de idas e vindas em torno da origem e do destino, o que pode conferir uma possibilidade de identificação com práticas e valores variados (LIMA, 2016). As fronteiras que dividem estes dois mundos podem ser experienciadas de modos mais sutis ou mais explícitos, materializados em situações de discriminação e práticas de exclusão.

Eu acho que a família não entende muito bem né, principalmente pais que não fizeram faculdade. Eles não entendem muito bem né? (ID 117)

(...) maioria dos meus colegas é [beneficiário de auxílio econômico]. Tanto que a gente até brinca com uma situação que aconteceu um dia, um tempo desses que era... a gente saiu de uma aula muito tarde, e todos os meus colegas de turma saíram de carro fazendo uma filinha e ficou eu e meu grupinho assim esperando no ponto de ônibus. (ID 93)

(...) eu sentia que as pessoas estavam menosprezando descaradamente meus conhecimentos, estavam fazendo pouco caso de mim né, situações muito chatas em relação a isso que me fizeram muito mal. (...) em relação a falar, você não sabe nada, você não está se esforçando, você não está querendo. E aí você passava tipo madrugadas, fazendo coisas de madrugada, estudando. Só que não é uma coisa que você pega do dia pra noite, sabe? (ID 109)

Jovens em situação de vulnerabilidade social que chegam à universidade enfrentam desafios particulares, decorrentes de uma adaptação mais complexa frente a um ambiente diferente de seu capital social e cultural, o que pode gerar dificuldades nas relações interpessoais e no processo de identificação e construção da identidade social. Na maior parte das vezes, terão que se relacionar com membros de grupos sociais aos quais não pertencem e acabam por não se sentir parte do universo estudantil (CLEM; VINHAL; CONCEIÇÃO, 2022).

Deste modo, fica evidente como as relações de universitários de baixa renda com sua família e seus pares perpassa aspectos muitos particulares, determinados em razão de sua classe socioeconômica. Estar “entre dois mundos” revela, especialmente, como a relação com os pais pode ser sentida a partir de uma pressão de “dar certo”, seja por uma necessidade de se provar diante da ausência de suporte dos pais, seja por uma vontade de cumprir com a expectativa dos cuidadores. Percebe-se, de forma implícita, que independente dos motivos, o que parece ser esperado ao fim da trajetória é, além do diploma, a possibilidade de ascensão socioeconômica.

(...) eu acho que além desse peso financeiro, também tem peso familiar a mais sabe? Às vezes têm muitas pessoas que estão esperando você dar certo sabe? Tipo, você não tem a possibilidade de dar errado. Vem essa pressão. Às vezes ninguém diz isso explicitamente, mas tá implícito que você às vezes é a esperança ali do povo, que é aquilo que as pessoas acreditam, que é o sonho, a realização delas sabe? (ID 109)

(...) [eu] nunca tive um super apoio dos meus pais porque é um curso de artes visuais e, né, meus pais são daquele pensamento em que a gente tem que fazer coisas que deem dinheiro, e artes visuais eles não conseguem nem enxergar que isso seja uma profissão assim, de um jeito mais, mais prático. (ID 33)

Minha família toda queria que eu cursasse direito. E aí, eu me inscrevi no Prouni para fazer direito. E no último dia da inscrição, eu troquei. E aí eu coloquei psicologia. (...) eu não contei pra ninguém quando eu troquei. (...). No dia da matrícula, eu virei pra ela [a mãe] e falei assim... Ah, tô indo fazer minha matrícula em tal curso assim, assim, assado. E é de graça. Porque eu lembro que ela uma vez me disse que se não fosse direito, ela não ia me ajudar a pagar. Aí eu fiquei tipo... Beleza, então. Não preciso de ajuda. Eu vou dar um jeito (...). (ID 14)

Em resumo, as narrativas dessa temática sugerem que as relações interpessoais capazes de se consolidar como fonte de suporte exercem função central na construção de uma experiência universitária positiva. Tendo em vista o reflexo que as desigualdades de classe operam na saúde mental e no bem-estar dentro das universidades, onde estudantes com menor *status* socioeconômico apresentam pior saúde mental e bem-estar (SHELDON *et al.*, 2021), evidencia-se a relevância das instituições implementarem estratégias que incentivem a formação e o fortalecimento de vínculos entre colegas, em especial daqueles de baixa renda.

Tema 5: Segurança econômica e Empregabilidade - “Será que eu vou realmente conseguir emprego?”

Entre críticas à insuficiência das políticas afirmativas e a valorização das oportunidades que estas propiciam na vida dos entrevistados, evidencia-se como a questão financeira se impõe enquanto elemento fundamental para a permanência no ensino superior. Conforme esperado, e corroborado por outros estudos (ARIÑO; DELVAN, 2018; CLEM; VINHAL; CONCEIÇÃO, 2022), as dificuldades econômicas são um dos maiores desafios enfrentados pelos universitários de baixa renda. Acerca de suas especificidades, ressaltam-se: a escassez de recursos para a subsistência, os problemas com transporte e longos deslocamentos, e a necessidade de conciliar responsabilidades domésticas e profissionais com os estudos.

(...) eu estava tentando fazer esse movimento de conseguir uma bolsa [de iniciação científica] na universidade, para parar de trabalhar e focar só nisso. Só que eu já sabia que eu não ia ter renda suficiente. Aí eu comecei a trabalhar nos finais de semana. (...) Desde que iniciei a faculdade, eu tenho esse sentimento de sobrecarga. (ID 48)

E eu lembro que tinha dias que, tipo assim, eu passava mais tempo no transporte do que na aula, (...) eu chegava lá já exausta. (...) Então assim, eu já cheguei muito atrasada em supervisões de estágio, que eu não podia chegar atrasada de jeito nenhum. Eu já quase perdi prazos de coisas importantes. (ID 14)

Em conjunto com os obstáculos narrados pelos participantes, destacam-se ainda algumas das estratégias adotadas para lidar com as barreiras que se apresentam, como a realização de ocupações remuneradas (estágios, empregos ou trabalhos temporários), e a busca por atividades acadêmicas que forneçam auxílios financeiros cumulativos (bolsas de iniciação científica, por exemplo). Estes achados também foram verificados por pesquisas qualitativas com estudantes de baixa renda (ABREU; XIMENES, 2021; ARIÑO; DELVAN, 2018).

Vale salientar que a questão financeira impacta o acesso e a permanência no ensino superior tanto em sua dimensão material quanto subjetiva (ABREU; XIMENES, 2021). Logo, foi possível analisar como as restrições socioeconômicas tiveram implicações para a saúde mental dos participantes:

Então pra mim às vezes me preocupa porque às vezes eu fico pensando, será que hoje eu vou trabalhar e amanhã eu tiro uma menor nota, ou hoje eu vou estudar e amanhã eu não vou pagar conta? Tipo, eu ter que pesar isso na balança, afeta muito meu psicológico. (...) [eu] tenho que estar aqui trabalhando, enquanto está todo mundo saindo, foi poder tomar mate na casa de alguém, sair conversar e coisas que eu não tenho. (ID 54)

(...) eu dificilmente vejo tipo estudante de baixa renda se permitindo ficar em ócio. (...) eu sinto que as pessoas se culpam muito em ‘ai eu estou descansando, eu devia estar estudando, devia estar fazendo isso, devia estar fazendo aquilo’. Eu não vejo os pagantes passando por isso. Normalmente eles falam ‘ah, vou tirar férias’. (ID 109)

Em vista da escassez recursos, a tarefa de administrar tempo e dinheiro se constitui como um grande obstáculo. A realização de outras atividades que gerem algum tipo de renda não

aparenta solucionar por completo a insegurança financeira, e colocam os estudantes diante de outro problema: a carência de tempo para estudar, descansar e ter momentos de lazer. Os achados deste estudo evidenciam uma intensa sobrecarga mental, eventualmente relacionada com a necessidade refletir de modo excessivo sobre como irão gastar seus recursos. Uma entrevistada conta: “eu tenho que pensar muito sobre como eu vou fazer algumas coisas, [porque] eu nem sempre tenho dinheiro (...)” (ID 48). Os relatos trazem à tona experiências de privação, altos níveis de estresse e sentimentos de estar sob pressão.

A literatura mostra que o *status* socioeconômico é um determinante crucial para a saúde mental, e pessoas de baixa renda sofrem mais de problemas como ansiedade e depressão (LUND *et al.*, 2018). Um dos mecanismos apontados como subjacentes a este processo é a exposição prolongada ao estresse, resultante da incerteza de gerenciar orçamentos voláteis (RIDLEY *et al.*, 2020). Estes dados apontam para a natureza multidimensional da pobreza, e a necessidade de compreender seus diversos aspectos para que sejam desenhadas políticas públicas de permanência efetivas, bem como ferramentas de cuidado e suporte institucionais.

As preocupações reveladas pelos entrevistados não se restringem ao presente, mas estendem-se ao futuro, suscitando questionamentos acerca da empregabilidade e das conquistas materiais que poderão ser alcançadas.

(...) essa responsabilidade de cuidar de casa, pensar em ter dinheiro pra pagar aluguel, pra comer, e fazer trabalho de faculdade, que é, assim... pra mim, é muito desafiador, sabe? (...) às vezes bate uma tristeza, uma impotência, (...) de pensar assim: ‘ah, será que eu vou realmente conseguir emprego? Será que eu vou formar?’. (ID 105)

(...) a geração Z está entrando no mercado de trabalho e (...) a gente não tem mais aquele conceito do tipo nossa, um dia eu vou ter minha casa, então, tipo assim, saúde mental está cada vez assim, mais escancarado na nossa cara de que não é uma coisa do tipo ‘ai nossa, eu ouço vozes’. (ID 26)

O relato acima direciona nossa atenção ao fato de que a própria concepção de saúde mental se transformou ao longo das gerações, sugerindo que os jovens podem estar mais conscientes dos impactos subjetivos vividos em razão das privações materiais. Concomitantemente, nota-se o efeito negativo da escassez de oportunidades sobre a autoestima dos participantes, que passam a demonstrar sentimentos de descrédito e questionar suas próprias capacidades, sugerindo uma internalização da discriminação sofrida. Um dos mecanismos que garante que a vulnerabilidade estrutural se perpetue ao longo do tempo é que ela seja internalizada por aqueles que são submetidos a ela através das experiências de opressão. Neste sentido, o estigma é sentido individualmente, mas construído socialmente (YANG *et al.*, 2014).

Os dados coletados neste estudo também evidenciaram que entre os 25 participantes, 16 deles já procuraram algum tipo de atendimento em saúde mental. Um dos entrevistados

compartilha que teve facilidade ao recorrer à rede pública: “eu achei bom a questão da saúde tanto físico quanto psicológico, eu achei que tem acesso fácil e não é tão demorado assim” (ID 75). Entretanto, a disponibilidade de acesso a cuidados não é consenso entre os participantes:

Eu queria fazer pelo SUS, só que (...) quando eu cheguei, a moça que tava na portaria falou que primeiro tinha que me encaminhar pra um médico generalista que ia conversar comigo, e aí talvez depois com a psicóloga, mas ela já desencorajou falando assim, a psicóloga vai estar lotada, não vai ter tempo. Então já foi algo que me marcou bastante. (ID 93)

(...) o valor [da psicoterapia] também eu acho que é um pouco caro pra quem é baixa renda, pra quem tem, talvez tipo... sei lá, eu fui criado assim, entre comer e ter uma saúde mental boa, é melhor você comer. (ID 104)

A literatura demonstra como a dificuldade de acesso aos serviços públicos ocasiona disparidades no atendimento às demandas de saúde mental de diferentes grupos socioeconômicos. Também se fazem presentes desafios adicionais de ordem estrutural, como o transporte, limitando ainda mais o alcance do sistema público de saúde (PAULA *et al.*, 2022).

Levando em conta a importante relação entre vulnerabilidade social, saúde mental e oportunidades de vida, faz-se necessário advogar por políticas de permanência no ensino superior que não se restrinjam ao auxílio econômico. Ainda que o aspecto financeiro seja essencial para melhores oportunidades, dispositivos de suporte pedagógico e cuidado em saúde mental dentro da universidade devem ser considerados com a mesma seriedade, na busca por políticas que enfrentem a desigualdade socioeconômica na sua multidimensionalidade.

Limitações do estudo: (1) alguns dos participantes recebiam bolsas de estudos de um programa para jovens talentos, o que pode sugerir um viés nos resultados obtidos; (2) os universitários eram provenientes apenas das regiões Sul e Sudeste; (3) não foi possível investigar aspectos raciais envolvidos em intersecção com a renda.

5. CONCLUSÃO

Este artigo descreveu as principais experiências, desafios e preocupações de universitários de baixa renda segundo cinco temáticas. As narrativas desvelaram como a entrada na universidade adquire o sentido de ampliar as perspectivas de futuro, promovendo melhores oportunidades e ascensão econômica. As ambições de mobilidade social vão além do aspecto financeiro, perpassando por uma transformação de ordem subjetiva através do ensino superior, sintetizada na ideia de “ser alguém na vida”, buscando escapar da exclusão.

Entre os maiores obstáculos estão a insuficiência de recursos para a subsistência, os longos deslocamentos até a universidade, a necessidade de conciliar responsabilidades acadêmicas e profissionais, a burocracia institucional, além de preconceito, e de dificuldades

emocionais. Os relatos evidenciam que, ainda que os estudantes demonstrem alguma consciência do modo como seu sofrimento está intrinsecamente ligado a condições estruturais de vulnerabilidade social, as desigualdades acadêmicas são frequentemente internalizadas como responsabilidades individuais, o que contribui para o agravamento dos problemas de saúde mental. Além disso, as relações interpessoais emergem como elementos centrais na construção de uma experiência universitária positiva, e os vínculos entre colegas beneficiários de auxílios econômicos são de especial importância. Já a precariedade dos recursos institucionais e a insegurança financeira intensificam a vulnerabilidade dos estudantes.

Por fim, esperamos que esta pesquisa possa contribuir com a elaboração de políticas públicas, recursos de suporte institucional e intervenções em saúde mental endereçadas à população estudada.

6. REFERÊNCIAS

- ABREU, M. K. de A.; XIMENES, V. M. Pobreza, permanência de universitários e assistência estudantil: uma análise psicossocial. **Psicologia Usp**, [S.L.], v. 32, n. 200067, p 1-11, mai. 2021.
- ARANHA NETO, M. de O. **Compreendendo a dinâmica de inclusão e/ou exclusão de alunos bolsistas do ProUni**. Dissertação (Mestrado em Administração de Empresas). São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2015.
- ARIÑO, D. O.; DELVAN, J. da S. As Trajetórias dos Acadêmicos Bolsistas do ProUni. **Revista Psicologia em Pesquisa**, [S.L.], v. 12, n. 2, p. 1-10, 20 ago. 2018.
- CARVALHAES, F.; SENKEVICS, A.; COSTA RIBEIRO, C. A. The intersection of family income, race, and academic performance in access to higher education in Brazil. **Higher Education**, [S.L.], v. 86, n. 3, p. 591-616, 26 ago. 2022.
- CLEM, E. L. do V.; VINHAL, J. M.; CONCEIÇÃO, M. I. G. Desafios de estudantes de baixa renda na educação superior pública. **Caderno Pedagógico**, [S.L.], v. 21, n. 5, p 1-12, mai, 2022.
- COSTA RIBEIRO, C. A. Educational expansion and class mobility trends in Brazil. **Economic Commission for Latin America and the Caribbean (ECLAC)**, Santiago, 2023.
- EVANS-LACKO, S; THORNICROFT, G. Viewpoint: who world mental health surveys international college student initiative. **International Journal Of Methods In Psychiatric Research**, [S.L.], v. 28, n. 2, p. 1-5, 6 jan. 2019.
- EVANS-LACKO, S. *et al.* Potential mechanisms by which cash transfer programmes could improve the mental health and life chances of young people: a conceptual framework and lines

of enquiry for research and policy. **Cambridge Prisms**, [S.L.], v. 10, p. 1-12, 2023.

KLEINMAN, A. **What really matters: Living a moral life amidst uncertainty and danger**. New York: Oxford University Press, 2006.

LEOW, T. *et al.* Prevalence of university non-continuation and mental health conditions, and effect of mental health conditions on non-continuation: a systematic review and meta-analysis. **Journal Of Mental Health**, [S.L.], v. 34, n. 2, p. 222-237, 8 abr. 2024.

LI, J. *et al.* How popularising higher education affects economic growth and poverty alleviation: empirical evidence from 38 countries. **Humanities And Social Sciences Communications**, [S.L.], v. 11, n. 1, p. 1-11, 17 abr. 2024.

LIMA, R. G. de. **Os sentidos do diploma: percepções sobre mobilidade social através do ensino superior**. Tese (Doutorado em Sociologia). Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2016.

LUND, C. *et al.* Social determinants of mental disorders and the Sustainable Development Goals: a systematic review of reviews. **The Lancet Psychiatry**, [S.L.], v. 5, n. 4, abr. 2018.

MEANS, D. R.; PYNE, K. B. Finding My Way: perceptions of institutional support and belonging in low-income, first-generation, first-year college students. **Journal Of College Student Development**, [S.L.], v. 58, n. 6, p. 907-924, 2017.

PAULA, C. S. *et al.* The influence of caregiver attitudes and socioeconomic group on formal and informal mental health service use among youth. **European Psychiatry**, [S.L.], v. 65, n. 1, p. 1-10, 2022.

RIDLEY, M. *et al.* Poverty, depression, and anxiety: causal evidence and mechanisms. **Science**, [S.L.], v. 370, n. 6522, p. 1-12, 11 dez. 2020.

RUIHUA, L. *et al.* A systematic review on the impact of social support on college students' wellbeing and mental health. **Plos One**, [S.L.], v. 20, n. 7, p. 1-20, 11 jul. 2025.

SHELDON, E. *et al.* Prevalence and risk factors for mental health problems in university undergraduate students. **Journal Of Affective Disorders**, [S.L.], v. 287, p. 282-292, mai. 2021.

YANG, L. H. *et al.* Culture and stigma: adding moral experience to stigma theory. **Social Science & Medicine**, [S.L.], v. 64, n. 7, p. 1524-1535, abr. 2007.

YANG, L. H. *et al.* "What matters most: a cultural mechanism moderating structural vulnerability and moral experience of mental illness stigma. **Social Science & Medicine**, [S.L.], v. 103, p. 84-93, fev. 2014.